

A arte utilizada na atenção de adolescentes em situação de vulnerabilidade social e uso abusivo de drogas

The art used in attention of adolescents in vulnerable social situation and abusive drug consumption

Jéssica Magalhães Tor¹,

Resumo

O objetivo desse estudo consistiu em abordar qual a contribuição das práticas artísticas na atenção de adolescentes em situação de uso abusivo de drogas e vulnerabilidade social. O interesse pelo assunto se deu a partir do trabalho prático da autora em seus estágios realizados em uma Organização da Sociedade Civil de Interesse Público (OSCIP), onde o atendimento e a atenção são destinados a crianças e adolescentes em situação de risco social, e em um Serviço de Acolhimento Institucional para crianças e Adolescentes (SAICA), onde são oferecidos serviços de acolhida e abrigamento dia e noite a crianças e adolescentes em situação de rua. Como método, foram consultados trabalhos publicados sobre o tema adolescência, arte e drogas. Conclui-se que a arte pode ser apresentada aos adolescentes como alternativa de obter prazer e expressar seus conflitos, para dar-lhes uma alternativa às drogas, desta forma contribui como elemento para a sua reabilitação psicossocial.

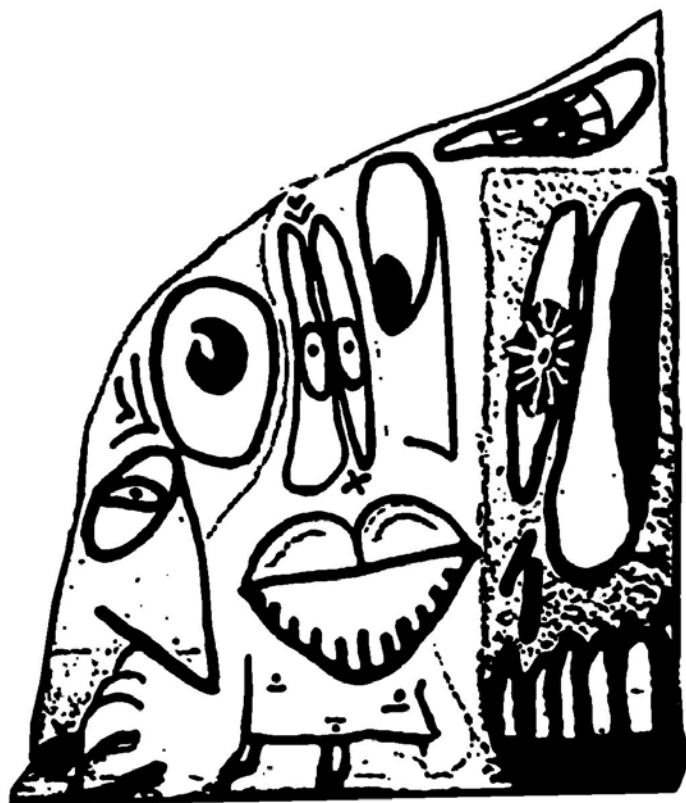
Palavras-chave: Adolescência; Arte; Drogas.

Abstract

The objective of this study was to discuss the benefits of arts in teenagers life, the ones on abusive drug consumption and vulnerable social situation. The author became involved in this subject during her trainee work at OSCIP (Civil Society Organization of Public Interest), institution focused on working with kids and teenagers in high social risk and at SAICA (Institutional Reception Service for Children and Adolescents), there are offered services of housing and food every day and night, to the homeless kids and teenagers. As a method, published works on the adolescence, art and drugs themes were consulted. The results indicate art can represent teenagers feelings and it's an alternative where they can find pleasure and show their emotions (conflicts) without the drugs effects, this way helping with their psychosocial rehabilitation.

Keywords: Adolescence; Art; Drugs.

¹ Jéssica Magalhães Tor (jessicator.m@gmail.com) é psicóloga pelo Centro Universitário das Faculdades Metropolitanas Unidas e cursa Especialização em Intervenções em Pacientes com Transtornos Mentais Graves na Escola Paulista de Medicina da Universidade Federal de São Paulo (EPM-UNIFESP).



Introdução

O interesse pelo assunto do uso da arte como alternativa na atenção e adolescentes envolvidos com drogas se deu a partir da experiência da autora em seus estágios realizados em uma Organização da Sociedade Civil de Interesse Público (OSCIP), conhecida pelo nome de “Projeto Quixote”, onde o atendimento e a atenção são destinados a crianças e adolescentes em situação de risco social, e em um Serviço de Acolhimento Institucional para Crianças e Adolescentes (SAICA) que funciona na cidade São Paulo – SP, conhecido pelo nome de “Casas Taiguara”, onde são oferecidos serviços de acolhida e abrigo dia e noite a crianças e adolescentes em situação de rua. A situação de vulnerabilidade social e a relação desta com o uso de drogas no processo de desenvolvimento do indivíduo é um fator importante a ser observado durante o processo da adolescência, tendo em vista a complexidade dessa fase

do desenvolvimento. A intenção desse trabalho é abordar a aproximação de práticas artísticas com esse público e pontuar seus benefícios, entendendo a arte como expressão de conteúdos internos (subjetivos) no meio externo (social).

Dessa forma, este artigo discute, a partir de um levantamento bibliográfico, as práticas artísticas na atenção de adolescentes em situação de vulnerabilidade social e uso abusivo de drogas. Partindo de uma leitura psicanalítica, caracteriza o período da adolescência em situação de vulnerabilidade social e o uso abusivo de drogas, bem como analisa o que a utilização da arte pode proporcionar de benefícios a adolescentes que fazem uso abusivo de drogas e estão vulneráveis aos riscos sociais.

A adolescência e seus conflitos

A adolescência é entendida como a fase que marca a transição da vida infantil para a vida adulta onde seu maior conflito está ligado à identidade

que está se constituindo. Nesse período, o adolescente é marcado por algumas perdas em relação a sua infância e por alguns ganhos em relação ao alcance de autonomia e independência em busca daquilo que chamamos de maturidade. É nesse processo que o indivíduo vai se diferenciando dos modelos que teve durante sua infância e se identificando em novos grupos, adquirindo novas ideias e o que faz com que o adolescente alcance um sentido de identidade pessoal¹².

Knobel¹¹ definiu o período da adolescência, salientando o luto da fase infantil:

“A etapa da vida durante a qual o indivíduo procura estabelecer sua identidade adulta, apoiando-se nas primeiras relações objeto-parentais internalizadas e verificando a realidade que o meio social lhe oferece, mediante o uso dos elementos biofísicos em desenvolvimento à sua disposição e que por sua vez tendem à estabilidade da personalidade num plano genital, o que só é possível quando consegue o luto pela identidade infantil”¹¹ (p.26).

Devido ao fato da adolescência ser compreendida como um período de diversas mudanças, dentre elas as identificações com novos grupos e novas experiências, o uso de drogas pode vir ao encontro desta fase. Segundo Silva¹⁷, a relação com as drogas pode ser compreendida de três formas: o uso, o abuso e a dependência. Nesse trabalho será abordado o uso abusivo e a possível dependência a essas substâncias a que esses adolescentes podem ficar sujeitos. Cabe lembrar que, assim como em qualquer etapa do desenvolvimento humano, o contexto no qual o sujeito está inserido será um dos norteadores para a constituição de sua personalidade.

Assim, Levisky¹², ressalta o aspecto social, definindo a adolescência como um processo dentro do desenvolvimento do indivíduo que pode ser compreendido como um período de crise e desequilíbrio no qual se pode presenciar uma revolução

biopsicossocial. As características psicológicas dessa etapa do desenvolvimento têm ligação com a cultura e a sociedade onde esse indivíduo está se desenvolvendo. O autor ressalta como importante fator de tensão entre os jovens, os aspectos biológicos dissociados dos níveis de maturação psicossocial, dessa forma, suas necessidades físicas nem sempre correspondem ao desejo barrado por forças da cultura e da sociedade, colocando-o em risco diante de seu desejo. Também nessa etapa do desenvolvimento, o jovem revive experiências das relações afetivas primárias infantis conscientes e inconscientes, onde as relações triangulares podem ser experimentadas novamente, tendo em vista a reformulação da vida afetiva.

As experiências vividas na adolescência tendem, assim, a ser mais intensas se comparadas com outros períodos da vida onde a busca de si mesmo, a tendência grupal, as crises religiosas e desafios a autoridades vão caracterizando o processo de adolescência. Esse período é essencial para a constituição de identidade do indivíduo. Para o adolescente, algumas situações são vividas de forma mais intensa e instável gerando o que é conhecido como “síndrome normal da adolescência”, termo utilizado por Knobel¹¹ que compreende alguns sintomas característicos dessa fase, que se manifestam conforme a elaboração dos lutos infantis vai acontecendo. A compreensão dessa transição pode contribuir para que esse período se torne menos complicado e seja mais aproveitado, pois as resoluções dessa busca de identificação são essenciais para a consolidação da personalidade do sujeito.

Durante esse processo do desenvolvimento humano, o indivíduo começa a separar aquilo que é representado psiquicamente como “bom” daquilo que é concebido como “mau”. O adolescente tende a apresentar comportamento impulsivo, agressivo, instável, arrogante, prepotente, turbulento, revólto e começa a desafiar as autoridades, já que na

adolescência é experimentada, a todo o momento, a ambivalência entre conquistar sua individualidade e continuar a depender de sua família de infância¹².

Dentro dessa crise de identidade e confusão onde o adolescente se situa no seu processo evolutivo, poderá o conflito ter um desfecho positivo em relação a suas identificações e, assim, aumentar as possibilidades do adolescente em alcançar a lealdade e a fidelidade nessa constante busca de si mesmo.

Adolescência e as drogas

Silva¹⁷ estabelece uma diferença entre o uso, o abuso e a dependência de drogas. Na história da humanidade, o uso de drogas foi passando por diferentes formas de consumo, manuseio e função, obtendo na atualidade inúmeros significados, entre eles a busca de prazer, o alívio imediato de algum sofrimento psíquico, fonte de renda, etc. Quanto ao abuso de drogas, a autora refere ser um comportamento evitável, porém não limitado apenas ao indivíduo, uma vez que para evitá-lo, se faz necessário repensar algumas políticas públicas voltadas para a juventude, principalmente no que se refere à saúde e à educação. Pensar em práticas criativas e interessantes na educação é uma forma de mostrar novas possibilidades ao jovem que não seja o uso de drogas.

Diante da metodologia tradicional e pouco flexível, observada na educação atualmente e da falta de políticas públicas que orientem o adolescente sobre os riscos e prejuízos a médio e longo prazo, o narcotráfico torna-se alternativa mais sedutora por oferecer uma proposta de vida mais rentável e com maior reconhecimento profissional. Vale ressaltar, aqui, que o uso abusivo de drogas está sendo definido como aquele traz prejuízos para a vida do sujeito.

A dependência de drogas é mais complexa e se caracteriza pelo vínculo que o indivíduo

estabelece com a substância, desequilibrado seus meios sociais, suas relações e sua saúde. Silva¹⁷ define dependência da seguinte forma:

“Dependência vem de uma palavra latina que significa dependere, ou seja, estar intrinsecamente ligado a algo ou alguém, no caso à droga. É um vínculo desequilibrado que o indivíduo estabelece com as diferentes substâncias psicoativas, um conjunto de sinais que caracterizam a síndrome da dependência. É um fenômeno complexo, que exige um olhar para o indivíduo em diferentes fases da sua vida, dentro de um contexto onde pode fazer o uso de uma ou várias substâncias lícitas, ilícitas ou ambas”¹⁷ (p.36).

O uso de drogas no contexto da adolescência pode ocorrer devido a ser um período de descobertas, de mudanças de emoções, de laços afetivos, ou por identificação com algum grupo, da necessidade de se destacar em busca de sua identidade, aspectos que estão mais intensos e predominantes, além de servir como amenizador para as angústias vividas nessa fase. De acordo com Osório¹⁵, o uso de drogas marca uma regressão diante de alguma emergência ou situação de angústia ou depressão, ao buscar a droga, o sujeito está buscando alívio ou proteção que sentira em algum momento da sua infância.

A droga pode ser entendida como um gerador de prazer e alívio do sofrimento de uma situação, que pode ser relacionada com situações de fragilidade do ego e como defesa diante da crise de identidade que acontece nesse período. Se comparado o período da adolescência com as primeiras vivências infantis, a partir da visão psicanalítica, é possível considerar a droga como um substituto do objeto-mãe, que acolhe e alivia o sofrimento, assim como acontecia no período de infância. Assim, se a adolescência é vista como um período onde se busca uma redefinição da identidade, a droga ajuda a amenizar a angústia frente à crise diante da frustração das perdas infantis⁹.

O uso abusivo de drogas não surge apenas pela substância usada continuamente, outros fatores como a predisposição e a condição sociocultural em que o indivíduo está inserido são fatores de grande colaboração para esse abuso. Também a falta de proteção do adolescente pelo grupo familiar pode ser um fator levado em consideração para esse uso abusivo, já que as experiências infantis colaboram para o desenvolvimento da identidade adolescente e, portanto, caso quando há falta do grupo familiar, tais relações acabam se dando externamente à família, ou seja, no grupo social. Além disso, no Brasil, o Estado também tem função de provedor das condições necessárias para o desenvolvimento do cidadão. Na falta de todas (ou algumas) dessas condições, o adolescente se encontra em situação de vulnerabilidade, não contando com redes de apoio que sirvam de suporte para seu desenvolvimento⁹.

A visão da psicanálise acerca do sujeito e do uso abusivo de drogas

De acordo com Gurfinkel¹⁰, a psicanálise, ao abordar o indivíduo utiliza a noção do sujeito, que uma realidade psíquica que, diferente da realidade material ou física, está ligada ao universo pulsional. A pulsão exerce, assim, importante função dentro dos eixos metapsicológicos de acordo com a teoria freudiana, principalmente nos eixos econômico e dinâmico, caminhando em direção ao tópico referente ao desenvolvimento da libido.

Desde 1905, quando criou este conceito, Freud⁶ relacionou a noção de pulsão diretamente à sexualidade, apresentando a dualidade característica das pulsões. Nessa teoria, a dualidade gira em torno da sexualidade e da autoconservação, dois polos que podem ser trabalhados conjuntamente, porém que não podem ser igualado, devido à sexualidade estar relacionada ao princípio do

prazer e a autoconservação estar relacionada ao princípio da realidade. Tal dualidade ganha mais sentido dentro do processo de desenvolvimento da libido, onde a pulsão sexual surge apoiada na pulsão de autoconservação, passando por diversas transformações, se separando desta última¹⁰.

A pulsão, assim, aparece como o limite daquilo que se diz ser da mente e daquilo que se diz ser do corpo, sendo composta por quatro elementos principais: a pressão, o alvo, o objeto e a fonte. A pressão seria a força constante que exige o trabalho psíquico. O alvo é definido como a satisfação ou a realização do princípio do prazer. O objeto pode ser entendido como o meio de chegar à obtenção da descarga da pulsão – e quando esse objeto não aparece em forma de pessoa, pode ser entendido como um desvio. A fonte seria a zona erógena corporal sobre a qual se apoia a sexualidade¹⁰.

No uso abusivo de drogas, a pressão se transforma em uma urgência irremediável e o alvo aparece ligado ao objeto “droga”, um objeto desviante, e a ação de drogar-se vêm ao encontro da busca da obtenção do prazer, no alívio em suportar os sacrifícios relacionados à sexualidade e à agressividade que constitui o humano. Freud⁶ chamou os meios de suportar tais sacrifícios de “medidas paliativas”, sendo uma delas o uso de substâncias tóxicas.

Freud⁷ destaca como é importante a pulsão ser inscrita a partir da representação onde é postulada a existência de três estruturas psicopatológicas: a neurose, a psicose e a perversão. A perversão passou a ser definida como defesa, a partir dos anos 1960, pela escola inglesa de psicanálise. Radó¹⁶ relacionou o uso abusivo de drogas com a fase oral, afirmando a dificuldade do desmame, caso em que manter a droga representa uma fonte de prazer e satisfação absoluta.

As variações de humor, segundo Birman³, também podem ser articuladas ao estado de depressão e mania. Nesses casos, o uso abusivo

de drogas constituiria a mania e poderia ser identificado como a busca desenfreada por satisfação, e a depressão é pontuada pela impossibilidade estabelecida a fim de não fazer uso de drogas. A partir dessa concepção, é possível inferir que, por conta dessa busca em satisfazer seus desejos, o uso abusivo de drogas provém de uma relação insatisfatória do indivíduo com a mãe enquanto bebê, onde a droga é a tentativa de preencher essa possível falta.

Ao falar da relação mãe-bebê, surge a questão relacionada à figura do pai. O “eu ideal” está relacionado ao narcisismo primário, definido na teoria freudiana, onde o investimento libidinal do bebê passa pelo “outro” e não há separação entre o “eu” e o “outro”. O ideal do eu sugere uma relação triangular, onde o sujeito é marcado pela inclusão da figura paterna na relação, concedendo ao sujeito a passagem de objeto do desejo da mãe para uma posição de “desejante”. Na estrutura perversa, existe a impossibilidade da ruptura entre o sujeito e o desejo da mãe, porém, na psicose, o sujeito ordena um eu ideal, tendo um outro onipotente em sua subjetividade; logo, o outro não permite ou não anuncia a entrada dessa figura paterna: se o pai existe não é reconhecido como pai ideal e nem simbólico³.

Como explicar a arte a partir da psicanálise?

Podemos explicar a arte a partir da psicanálise utilizando referências de Freud e Lacan.

Para Freud⁸, as manifestações artísticas estão relacionadas aos desejos infantis recalcados, desta forma a criação estaria ligada a fantasia presente no sonho, no delírio e no brincar infantil, envolvendo processos psíquicos parecidos com os processos da produção artística. Por isso, de acordo com a teoria freudiana, a arte é capaz de fazer o ser humano renunciar a sua satisfação pulsional em favor da civilização,

fortalecendo suas relações sociais. Para essa renúncia, este teórico deu o nome de “sublimação”, processo onde a criação artística por ser uma atividade mais aceita socialmente, é utilizada para canalizar a pulsão. Assim, a renúncia pulsional é expressa de outra forma, pelo processo da criação artística.

A concepção de sublimação na concepção lacaniana se diferencia da formulação freudiana, já que Freud priorizou o desvio quanto ao alvo da pulsão como principal fator da sublimação, enquanto Lacan diz que o objeto é o elemento mais importante a ser analisado no processo de sublimação. Pensando na arte como sublimação, o valor atribuído a ela revela um consenso social que depende do contexto histórico, por isso, as obras de arte mais antigas ou as escrituras mais antigas se mostram diferentes das atuais. Enquanto Freud diz que a sublimação pode ser uma forma de desvio de um alvo sexual para uma ideia socialmente aceita, desvio que causa prazer ao sujeito, na concepção lacaniana, a arte retrata algo desconhecido tanto para o artista quando para aquele que aprecia a sua arte, onde o sujeito se depara com algo desconhecido que lhe gera sensação estranha, sem explicação ou elemento simbólico significativo, ou seja, a arte produz o que denomina “angústia”. Quando essa sensação se faz presente (neste caso, na arte), é vivida como a própria falta que não falta mais, experiência que preserva o vazio do encontro entre o sujeito com esse objeto motivada pela falta, podendo causar estranhamento refletidos neste¹³.

Não é possível falar da sublimação como representação de algo, pois aquilo que está sublimado é irrepresentável, já que parte da ordem do inominável. Porém a arte é uma forma de expor essa angústia identificada a partir do estranhamento com algo que está além daquilo que é possível se expressar em palavras.

Método

Para a efetivação da revisão teórica sobre o manejo da prática artística aplicado a adolescentes em situação de vulnerabilidade e uso abusivo de drogas foram levantados trabalhos publicados e disponíveis na Biblioteca Virtual de Saúde (BVS) que contempla os indexadores LiLacs, Scielo, Index Psi e Medline, bem como trabalhos publicados e disponíveis no Google Acadêmico.

Essa pesquisa foi realizada entre os meses de abril e maio de 2015. Para a escolha dos trabalhos levantados nesse estudo, alguns critérios foram estabelecidos: ter data de publicação a partir de 2008, estar traduzido em português; estar disponíveis na íntegra; apresentar, em seu conteúdo, a utilização de práticas artísticas utilizadas em trabalhos desenvolvidos com adolescentes em situação de vulnerabilidades social e uso abusivo de drogas. As palavras chaves utilizadas para a pesquisa foram: adolescência, drogas e arte. Devido ao reduzido número de trabalhos publicados relacionados à arte com adolescentes, foi pesquisada também a referência à arteterapia.

Resultados e discussão

No acesso a BVS, utilizando as palavras adolescência e arte. Foram encontrados 89 artigos entre os indexadores Lilacs, Medline e Index Psi. Nessa pesquisa, os resultados obtidos, em sua maioria, foram relacionados à saúde do adolescente, sem muita relação com a prática artística. No levantamento feito utilizando o Google Acadêmico, foram encontrados 137 trabalhos publicados, em sua maioria, artigos voltados à prática educacional no período da adolescência. Entre eles se inclui um artigo sobre a utilização do “piche” (pichação) no processo de identificação da adolescência.

Ao utilizar as palavras drogas e adolescência na BVS, entre os indexadores Lilacs, Index Psi, Medline e Scielo, foram encontrados 112 artigos

disponíveis, sendo que sua maioria relata como se dá o tratamento de adolescentes usuários de drogas. Utilizando essas mesmas palavras de busca, no Google Acadêmico, foram encontradas 33.700 resultados, a totalidade voltada para os tipos de tratamento ou as causas relacionadas à utilização das drogas no período de adolescência, sem nenhum que citasse o envolvimento de praticas artísticas.

Utilizando as palavras drogas e arte, foram encontrados na BVS, 22 resultados voltados para assuntos relacionados a medicamentos sem relação com o tema e, no Google Acadêmico, foram encontrados 53.900 itens. Devido à falta de materiais completos ou que contemplassem e aprofundassem os critérios de escolha, estes não foram utilizados.

Ao cruzar as palavras drogas, arte e adolescência nas pesquisas no Google Acadêmico, foi possível obter o resultado de 388 trabalhos publicados. Na BVS entre os indexadores Lilacs, Medline, Index Psi e Scielo não foram encontrados nenhum trabalho publicado e apenas foi utilizado um artigo que aborda a utilização da arte na atenção de adolescentes de um Centro de Apoio Psicossocial (CAPS) do município de Cascavel, no Paraná.

Tendo em vista a pequena quantidade de artigos encontrados com as referências arte, drogas e adolescência, a palavra arte foi substituída por arteterapia na busca, resultando em 534 trabalhos encontrados no Google Acadêmico. Destes foram escolhidos, como de interesse, dois trabalhos sobre a relação adolescência, drogas e arteterapia de forma mais específica. Na BVS entre os indexadores Lilacs, Medline, Index Psi e Scielo não foram encontrados nenhum artigo.

Para este artigo foram selecionados quatro artigos que contemplavam, quanto ao conteúdo, às palavras chaves adolescência, drogas e arte relacionadas, conforme o quadro ilustrativo do conteúdo dos mesmos (Quadro 1).

Quadro 1 – Bibliografia sobre adolescência, drogas e arte/arteterapia ilustrativa pesquisa bibliográfica.

| Artigo | Público pesquisado e a relação com as drogas / Vulnerabilidade social | Prática artística utilizada | Resultados | Autor (ES) | Ano |
|--|--|---|--|-----------------------------------|------|
| Jovens pichadores: perfil psicossocial, identidade e motivação ⁴ . | 32 adolescentes do sexo masculino com idades entre 13 - 23 anos. Jovens de baixo poder aquisitivo, escolaridade inferior ao esperado pela faixa etária, afastamento da escola causado ou por delinquência ou por limitações socioeconômicas. | Pichação | Verificou-se que a pichação relaciona-se com processos de identificação com algum grupo, bem como deixar sua marca na sociedade e adquirir visibilidade. | Ceara & Dalgalarrodo ⁴ | 2008 |
| O uso terapêutico do Estêncil Grafite com adolescentes na Oficina de Artes do CAPSad Cascavel ¹⁴ | Adolescentes em tratamento no CAPSad de Cascavel que fazem uso e abuso de álcool drogas. | Estêncil Grafite | A utilização dessa prática artística possibilitou a expressão dos adolescentes e uma melhor adesão ao tratamento, bem como a valorização pessoal e sua marca no CAPS. | Machado ¹⁴ | 2013 |
| Arteterapia: Criatividade, arte e saúde mental com pacientes adictos ¹⁹ . | 98 jovens de ambos os sexos internados em uma ala de dependência química de um hospital psiquiátrico em Goiânia/GO. | Intervenções de arteterapia por meio de pinturas, desenhos, moldes, histórias e confecção de mandalas. | A arteterapia facilitou a expressão da subjetividade e auxiliou na auto expressão bem como na elaboração de conteúdos interno sem a utilização da fala. | Valladares ¹⁹ | 2008 |
| Arteterapia no cuidar e na reabilitação de drogadictos - álcool, crack e outras drogas: símbolos recorrentes ²⁰ . | Seis adultos-jovens com idades entre 18 - 45 anos de ambos os sexos internados na ala de dependência química em um hospital em Goiânia/GO. | Produção plástica desenho/ colagem projetiva de alguns símbolos como árvore, flor, coração, sol e pássaros. | Com base nesse estudo, foi possível concluir que a arte serviu como ferramenta para a compreensão das dificuldades e anseios dos dependentes relacionados à sua dependência. | Valladares ²⁰ | 2011 |

Dos artigos selecionados, o primeiro trata da atividade da pichação envolvendo adolescentes em situação de vulnerabilidade social. O segundo relata a experiência da prática artística do grafite utilizado através da técnica do estêncil em um CAPSad que atende crianças e adolescentes no município de Cascavel, Paraná; essa técnica é

uma prática legalizada e foi utilizada como forma de atrair a população adolescente e jovem para a oficina de artes, tendo em vista que esse público já deixavam suas marcas nas paredes do CAPS. O terceiro artigo se refere a uma pesquisa que relata a experiência de sessões de arteterapia aplicadas a adolescentes e jovens dependentes

químicos internados em um hospital psiquiátrico em Goiânia, onde foram feitas 32 intervenções breves de arteterapia, incluindo pinturas, desenhos, moldes, histórias e confecção de mandalas, permitindo uma análise a partir da Psicologia Analítica, da expressão da subjetividade de cada participante. O quarto artigo trata da análise da produção plástica de alguns símbolos (árvore, flor, coração, sol e pássaros), realizada com adolescentes e jovens internados na ala de dependência química de um hospital em Goiânia.

Segundo Valadares-Torres¹⁶, a arteterapia pode ser utilizada como ferramenta no processo de cuidar em saúde, sendo entendida como um processo terapêutico que utiliza a arte como espaço de criatividade, experimentação.

No primeiro artigo, a partir da pesquisa desenvolvida com jovens pichadores e grafiteiros, Ceara e Dalgalarrodo⁴ identificaram como característica comum entre este público o fato de morarem em periferias e viverem em uma discrepante situação socioeconômica, apresentando escolaridade abaixo da esperada para a faixa etária. Compreendendo a pichação como uma prática transgressora que produz escritos e marcas em paredes e locais públicos, é possível entender que o sentido psicossocial dessa atividade está relacionado aos processos identitários de seus autores (geralmente grupos de adolescentes organizados), com matizes relacionados à transgressão, tanto em sua origem como nos seus desenvolvimentos¹⁸.

Foi possível notar, nesse estudo, que a pichação ocorria em prédios públicos e de grande visibilidade, tornando esses jovens e suas ações visíveis; além disso, permitiam a identificação desses com os grupos que se encontram e se formavam a partir do fazer artístico, comportamento esse entendido como transgressor, porém que gera identificação e pertencimento desses adolescentes com os grupos que participam. Nesse caso, o piche pode ser relacionado

com o processo de identificação, bem como deixar sua marca na sociedade pela visibilidade⁴. De acordo com o Ceara e Dalgalarrodo⁴, os relatos dos pichadores sobre o piche revelam a necessidade da expressão da subjetividade de forma a demonstrar, através da prática transgressora, a exposição a riscos e as reações emocionais da visibilidade social.

A arte contida no piche pode ser entendida como uma forma de externalizar conflitos interiores e solicitar atenção para suas criações enquanto parte do processo de identificação que, muitas vezes, pode ser vista nos comportamentos transgressores. O adolescente está se incluindo em grupos para a construção de sua identidade, logo, o trabalho em grupo e encontros realizados para este fim podem ajudar no processo da busca de si mesmo.

No segundo artigo, que descreve a experiência da utilização do grafite pelo CAPSad que atende adolescentes, em Cascavel, Machado¹⁴ relata que a escolha do estêncil grafite como forma de atrair os jovens para a participação da oficina de artes surgiu a partir da observação dos piches e marcas nas paredes do próprio CAPS, prática que foi entendida como uma necessidade de deixar a marca desses jovens na sociedade e buscar visibilidade. A partir dessa percepção, o trabalho de estêncil grafite foi desenvolvido, buscando criar um novo padrão sobre o piche e “legalizar” a prática antes vista como transgressora quando não legalizada. O desenvolvimento desse trabalho teve como objetivo mostrar novos caminhos a adolescentes em tratamento nesse CAPS, utilizando o grafite como atividade expressiva relacionada ao tratamento de adolescentes dependentes químicos, possibilitando a valorização de suas potencialidades, autoestima e capacidade criativa e motivando atividades sem a necessidade do uso de drogas¹⁴.

Nesses dois primeiros artigos, o piche/grafite é visto como prática transgressora de busca

de visibilidade e de identificação em meio a um grupo, quando “legalizada”, ou seja, trazida para a atividade proposta e institucional, passa a ser uma forma de expressão da sua subjetividade e agressividade através da arte, servindo ao tratamento. Confirmando a posição de Barbieri², que acredita que “a arte é capaz de produzir novas representações, reorganizando o discurso, promovendo uma nova dinâmica na economia psíquica e uma subjetividade calcada no desejo” (p.44).

O terceiro artigo se refere a uma análise com base na psicologia analítica, das sessões de arteterapia aplicada aos adolescentes jovens de um hospital psiquiátrico, visando facilitar a expressão da subjetividade dos participantes, bem como aliviar tensões, medos, expectativas, e externalizar conteúdos internos para sua elaboração, favorecendo o trabalho em grupo. Durante essas sessões de arteterapia foram confeccionadas mandalas, que procuravam auxiliar na organização ou reorganização psíquica, paralelamente ao desenvolvimento de técnicas de desenhos e pinturas do próprio rosto dos participantes, como forma de resgatar sua identidade, além de utilizar técnicas de desenho e pintura para verificar a relação desses dependentes químicos com o próprio hospital. As estratégias envolveram também a criação de máscaras, e, posteriormente, a confecção de mãos e pés em atadura engessada e séries de histórias, onde os participantes puderam ler sobre outros, mas também contar sua própria história¹⁹.

Nesse contexto, a arteterapia é utilizada, e pode ser vista como um processo terapêutico, utilizando as artes plásticas, acolhendo o ser humano como um todo, auxiliando-o a encontrar novos sentidos para sua vida¹². É uma prática que facilita a expressão dos conteúdos internos, para serem elaborados e organizados através das sessões, facilitando a expressão da subjetividade dos envolvidos, o seu desenvolvimento interno.

Segundo Valladares e colegas¹⁹, a arteterapia aplicada a jovens permitiu, na experiência com esses dependentes de drogas, a valorização do potencial de cada um, colaborando para a melhoria de sua saúde e qualidade de vida.

No quarto trabalho analisado se faz uso da arteterapia com adultos e jovens internados em um hospital em Goiânia, em Goiás, que teve como objetivo analisar, através da Psicologia Analítica, os símbolos trazidos durante as sessões e apresentado para esses participantes. Os autores concluem que o uso da arteterapia permitiu a expressão dos conflitos e sentimentos de cada indivíduo no meio externo, bem como facilitou a compreensão das reais dificuldades e anseios relacionados à própria dependência às drogas vividas por cada um desses jovens²⁰. Nesse sentido, acredita-se que a arteterapia, bem como a arte e a criatividade, tiveram um papel autorregulador do *self* (eu)²⁰.

Produção de arte como processo de tratamento

Os resultados dos trabalhos analisados vêm ao encontro da compreensão de Azevedo¹, que entende a arte como linguagem universal capaz de produzir subjetividades e catalisar afetos, facilitando a troca de experiências em grupo. O valor da arte estaria, assim, ligado ao seu potencial de reabilitação, na medida em que oferece a possibilidade do sujeito explorar suas potencialidades na busca da conquista de espaços sociais. O sujeito é capaz de projetar no meio externo seus conflitos interiores, valorizando seu potencial criativo, imaginativo e expressivo. A arte, assim, serviria como um instrumento para a inserção do indivíduo nos grupos bem como a ressocialização, seguindo a lógica da configuração psicossocial, respeitando a subjetividade e a capacidade individual e possibilitando novos caminhos e novas alternativas para o enfrentamento de situações de frustração.

Utilizando a psicanálise, é possível refletir com relação às intervenções realizadas com a população adolescente em situação de uso abusivo de drogas e vulnerabilidade social e a arte. Partindo dos estudos freudianos, pode-se inferir que as propostas de intervenções junto a essa população propiciam uma mediação do sujeito com a cultura, mediação esta que se relaciona à renúncia da satisfação pulsional, fortalecendo as relações sociais. A pichação, por exemplo, pode ser entendida como a forma do sujeito marcar seu registro naquilo que é socialmente aceito, apesar de seu aspecto transgressor, e também adquirir pertencimento ao grupo e visibilidade social.

Nos estudos lacanianos, pode-se destacar a importante contribuição que o autor traz para se pensar a arte como meio que retrata algo desconhecido, tanto para o artista quanto para aquele que aprecia a arte. Sendo assim, o sujeito ao se deparar com o inominável que não pode simbolizar tem uma vivência angustiante, presentificada pela própria falta de explicação e compreensão, marcando o rompimento do gozo fálico, como o obtido pelo uso das drogas.

As teorias abordadas nesse trabalho, portanto, contribuem para entender as oficinas desenvolvidas com adolescentes em situação de vulnerabilidade social e uso abusivo de drogas que utilizam arte e arteterapia, como propiciadoras processos de subjetivação e pertencimento social.

Considerações finais

A partir do estudo realizado, pode-se concluir que a complexidade do período da adolescência gera alguns conflitos com relação ao processo de identidade. Tendo a compreensão de que o uso abusivo de drogas pode ser entendido como um gerador de prazer frente à frustração ou situação de fragilidade ou uma forma de não entrar em contato com a falta, a aproximação do

adolescente com as drogas pode vir acontecer como forma de enfrentar essa situação conflituosa de perdas e mudanças que acontecem nesse período do desenvolvimento. O contexto social, onde o adolescente está se desenvolvendo pode ter grande influência nesse processo de identificação, sendo visto também como um agente frustrador e colaborador para a aproximação do adolescente vulnerável a riscos sociais como o uso abusivo de drogas.

Com base na pesquisa realizada, é possível identificar que há poucas publicações que abordem a prática artística como uma ferramenta na reabilitação de adolescentes. Porém, verifica-se que, entre as produções existentes, há relatos de uso da arte e da arteterapia com adolescentes e jovens como técnica que pode auxiliar na reabilitação desses adolescentes que se encontram em situação abusiva de drogas e/ou vulnerabilidade social.

A prática artística utilizada com adolescentes mostra-se eficaz na reabilitação desses jovens como uma alternativa diferente das drogas, favorecendo a expressão dos conflitos internos vivenciados, que podem ser expressos através de outra prática social, facilitando a adesão aos tratamentos propostos, além de revelar-se como uma possibilidade para a ressocialização desses adolescentes.

Partindo da teoria psicanalítica pode-se inferir que a arte vem como uma mediação entre a renúncia da satisfação pulsional e o fortalecimento de relações sociais, onde o sujeito sublima sua satisfação pulsional utilizando práticas sociais mais aceitas. Desta forma, a arte se apresenta como aquilo que, ao ser impossível de ser falado ou imaginado, coloca o sujeito frente aquilo que falta, falta que gera angústia. A arte utilizada como ferramenta para a reabilitação psicossocial promove um espaço para o sujeito explorar seu potencial criativo nessa constante busca de si mesmo.

Referencias

1. Azevedo DM, miranda FAN. Oficinas terapêuticas como instrumento de reabilitação psicossocial: percepção de familiares. *Esc. Anna nery*. 2011; 15(2):339-345.
2. Barbieri CP. Lygia Clark, da vida à arte e de volta à vida. *Estudos de Psicanálise*. 2008; 31: 36-42. [acesso em: 07 abr 2017]. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?pid=S0100-34372008000100005&script=sci_arttext.
3. Birman J. Feitiço e feiticeiro no pacto com o diabo: a psicanálise e a questão das toxicomanias. In: Birman J. *Mal-estar na atualidade: a psicanálise e as novas formas de subjetivação*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira; 2001. p.197-216.
4. Ceara AT, Dalgalarondo P. Jovens pichadores: perfil psicossocial, identidade e motivação. *Psicol. USP*. 2008; 19(3):277-293.
5. Domingues MA, Paravidini JL. Psicanálise e arte: repetir, criar e subjetivar. In: Amarante PD, Campos FN. *Saúde mental e arte: práticas, saberes e debates*. São Paulo: Zagodon Editora Ltda; 2012.
6. Freud S. Três ensaios para uma teoria sexual. In: *Obras Psicológicas completas de Sigmund Freud, op. Cit., vol. 7*. Rio de Janeiro: Ed. Standard Brasileira/Imago; 1966.
7. Freud S. Esquisse d'une psychologie scientifique. In: *La Naissance de La psychanalyse*. Paris: Presses Universitaires de France; 1973. p.336-376.
8. Freud S. O interesse científico da psicanálise. In: *Obras Psicológicas completas de Sigmund Freud, vol. 11*. Rio de Janeiro: Ed. Standard Brasileira/Imago; 1980.
9. Gorgulho M. Adolescência e toxicomania. In: Filho DXS; Gorgulho M. *Dependência: compreensão e assistência às toxicomanias: uma experiência do PROAD*. São Paulo: Casa do Psicólogo; 1996. p.149-169.
10. Gurfinkel D. A pulsão e sua perversão. In: Gurfinkel D. *A pulsão e seu objeto - droga: estudo psicanalítico sobre a toxicomania*. Petrópolis: Vozes; 1996. cap.3, p.97-122.
11. Knobel MA. Síndrome da adolescência normal. In: Abe-rastury A, Knobel M. *Adolescência normal: um enfoque psicanalítico*. Porto Alegre: Artes Médicas Sul; 1992. Cap. 2, p.24-62.
12. Levisky DL. *Adolescência: reflexões psicanalíticas*. São Paulo: Casa do Psicólogo; 1998.
13. Lucero A, Vorcaro Â. Do vazio ao objeto: das ding e a sublimação em Jacques Lacan. *Ágora: estudos em teoria psicanalítica*. 2013; 16(espec):25-39.
14. Machado AC. O uso terapêutico do estêncil grafite com adolescentes na oficina de artes do CAPSad Cascavel. 2013; 7:41-57.
15. Osório L.C. *Adolescência hoje*. Porto Alegre: Artes Médicas; 1982. p.45.
16. Radó S. The Psychic Effects of Intoxicants: an attempt to evolve a psychoanalytical theory of morbid cravings. [online]. *J. Psychoanal*. 1926; 7, 296-413. [acesso em: 07 abr 2017]. Disponível em: <https://search.proquest.com/openview/d25da8ddc1aa973d39e1379c430faeff/1?pq-origsite=gscholar&cbl=1820903>.
17. Silva EA. Intervenções clínicas: o uso, abuso e dependência de drogas. In: Conselho Regional de Psicologia da 6ª região. *Álcool e outras drogas*: São Paulo: CRPSP; 2012. p.35-40.
18. Silveira NE. Superfícies alteradas: uma categoria dos grafites da cidade de São Paulo. *Dissertação de Mestrado*. Instituto de Filosofia e Ciências Humanas. Universidade Estadual de Campinas. Campinas; 1991.
19. Valladares-Torres ACA, Lima APF, Lima CRO, Santos BPBR, Carvalho IB, Tobias GC. *Arteterapia: criatividade, arte e saúde mental com pacientes adictos*. Jornada Goiana de Arteterapia, 2. Goiânia: FEN/UFG/ABCA; 2008. p.69-85. Cap.9.
20. Valladares-Torres ACA. *Arteterapia no cuidar e na reabilitação de drogadictos – álcool, crack e outras drogas: símbolos recorrentes*. *Rev. Cient. Arteterapia Cores da Vida*. 2011; 13(13):23-47.